

## **Desmistificando a representação social do Semiárido brasileiro a partir de imagens fotográficas<sup>1</sup>**

Lorena Santiago SIMAS<sup>2</sup>  
 Carla Conceição da Silva PAIVA<sup>3</sup>  
 Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

Este artigo pretende apresentar uma nova proposta de representação do Semiárido brasileiro, que geralmente é identificado por estigmas como a pobreza e a seca. Para isso, utilizaremos como instrumental a análise das imagens fotográficas produzidas pelo grupo “Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco”, que registra imagens da região, evidenciando a cultura e as paisagens urbanas e rurais. Nessas fotografias, podemos perceber que a visão estereotipada em relação ao Semiárido não condiz com a realidade, pois não se deve negar que nessa região existem períodos de estiagem, mas resumi-la a características reducionistas é cometer um grande engano, já que o Semiárido possui uma vasta variedade ecológica e cultural, desenvolvimento econômico e tecnológico, oportunidades de educação, entre muitos outros diferenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; Semiárido; representação social; análise da imagem.

### **1. Introdução**

O Semiárido brasileiro é uma região com grande diversidade ecológica, com potencialidades naturais e culturais. Caracterizado por um extenso território que compreende nove estados brasileiros, presente no Nordeste, estendendo-se ao norte de Minas Gerais, e ao norte do Espírito Santo. Sua atual cartografia foi delimitada pelo Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), criado pela coordenação da Agência de Desenvolvimento do Nordeste (ADENE), em 2004, para redefinir a área geográfica de alcance da seca. Para isso, foram analisados três critérios técnicos, que, de acordo com Carvalho (2012, p.74) são: “precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 mm;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos PPGESA- UNEB, e bolsista da Fapesb, email: lory-santiago@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professor do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos PPGESA- UNEB, email: ccspaiva@gmail.com.

índice de aridez de até 0,5 e risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990”.

Com a nova demarcação, o Semiárido oficial passou a ter 1.133 municípios, dos quais 1.031 se enquadram nos três critérios estabelecidos pelo GTI, 102 possuem alguma das características citadas acima; e 856 municípios dos nove estados onde está presente o território Semiárido não têm essas particularidades. Embora possua uma grande extensão geográfica, a região tem sua imagem distorcida, sofrendo diversos tipos de preconceitos, por quem é alheio a essa realidade.

Essa imagem reducionista do Semiárido brasileiro, assim como do Nordeste, caracterizado pela seca foi sendo construída, segundo Albuquerque Júnior (2011), ao longo da história, por meio da política, imprensa, literatura, cinema e outras artes. Esse autor (1995) destaca que foi apenas em 1877, que a seca no Nordeste chamou atenção e se tornou um problema de repercussão nacional, devido ao momento histórico que a cercou e das práticas e discursos que a diferenciavam das demais.

Nessa época, a região passava por uma crise econômica que afetou a pecuária, a agricultura e o comércio, gerando uma migração em massa da população para o litoral. Todas essas problemáticas afetaram os pobres, e também os políticos e os grandes proprietários de terra, mas esses conseguiram enxergar no “problema da seca”, uma forma de arrecadar mais dinheiro do governo. De acordo com Albuquerque (1995, p. 116) “(...) Só nas quatro províncias que formavam o chamado “Norte seco” (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará) haviam sido gastos, até aquela data 22.087:260\$920”, para tentar resolver os “problemas ocasionados pela seca”, porém com a corrupção e desvios de verba, muitos não resistiram e acabaram falindo.

A partir de então, o Nordeste, e conseqüentemente, o Semiárido brasileiro, que possui maior parte de sua extensão territorial no Nordeste, como já vimos, passou a ser caracterizado como miserável, seco, pobre, sem belezas naturais, sem oportunidades de educação, local de uma população que trabalha na terra seca, embaixo do sol escaldante. Quem vive no Semiárido também costuma nega-lo por vergonha dessa imagem estereotipada que foi criada há muitos anos e segue constantemente difundida nos meios de comunicação, na educação e nas artes.

Parte da responsabilidade pela difusão dessa imagem preconceituosa e desvirtuada do Semiárido também se dá, a partir de narrativas de obras literárias clássicas, como: ‘Vidas Secas’ (1938) de Graciliano Ramos; ‘O Quinze’ (1930), de Rachel de Queiroz;

‘Os Sertões’ (1967), de Euclides da Cunha, dentre outros. Esses autores retrataram a região Nordeste destacando a pobreza, um local povoado por pessoas sujas e desnutridas, que precisam ser criativas para encarar as mazelas ocasionadas pela seca, e lutar pela sobrevivência, fazendo ainda com que uma situação de miséria seja vista por alguns como o florescimento de pequenas belezas em meio à secura e ao sofrimento. Reforçando essas características, impulsionados por questões políticas que incentivavam o reducionismo da região, objetivando receber mais recurso financeiro do governo. Essa representação imagética presente em algumas obras literárias ficcionais permeiam até hoje o imaginário popular de quem não conhece o Nordeste e o Semiárido.

De acordo com Albuquerque (2001, p. 68), “(...) o Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desse fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área”. Percebemos que até hoje é disseminado nos meios de comunicação as imagens da estiagem, da carcaça do boi, do chão rachado. Segundo Reis (2010), os livros didáticos, produzidos, geralmente no Sudeste, apresentam a casa de taipa e o agricultor sofrendo com a falta de água como representações dessa região, fortalecendo uma única imagem do Semiárido brasileiro.

Negar que no Semiárido exista pobreza, falta de água e sol quente é uma mentira, porém resumi-lo a essas características é não saber sobre o que se fala, é não conhecer de perto essa região cheia de riquezas e possibilidades, e perpetuar preconceitos. Compreendemos que é essencial uma nova constituição sobre a representação social que se tem sobre o Semiárido, para que possam ser evidenciadas outras particularidades da região.

De acordo com Almeida (2005, p.41), “as representações estão presentes nos discursos e nas palavras veiculadas nas mensagens e imagens da mídia, cristalizadas nas condutas e nos arranjos materiais e espaciais”. Portanto, percebemos que as representações sociais são criadas a partir de discursos disseminados, onde um coletivo partilha uma ideia ou uma linguagem, afirmando uma identidade. No caso do Semiárido, na maioria das vezes, as pessoas que não pertencem a essa realidade se apropriam de uma alocação, criando esse imaginário, o tomando como realidade. Por outro lado, também existem sujeitos que nasceram e cresceram no Semiárido e, por muitas vezes, acabam (re)caindo nesses estereótipos. Moscovici (2001, p. 49) expõe que

“o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos”, pois cada vez que determinado saber é suscitado e comunicado torna-se parte da vida coletiva, e não é fácil fugir a isso.

As representações sociais não são estáveis, elas estão em constante transformação, por isso, compreendemos que é possível construir uma nova imagem sobre o Semiárido, possibilitando o surgimento de outras imagens a respeito da região. Para isso, a comunicação e as mídias tecnológicas são ferramentas fundamentais para que esse processo de mutação ocorra. Segundo Jodelet (2001, p. 29-30), “a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual”.

Partindo desse ponto, encontramos na fotografia, também considerada mídia tecnológica, uma possibilidade para edificar novas visões sobre o Semiárido, pois ela pode nos revelar (ou ocultar) o que alguns querem esconder, dar voz ao silêncio ensurdecedor, mostrando a vida, a cultura e a cor dessa região cheia de riquezas. A fotografia se apresenta como um discurso, uma forma de representação, pois, a partir das imagens produzidas, que mostram um cenário oposto do que havíamos ilustrado na mente, e com a difusão das mesmas, podemos desenvolver uma nova gênese sobre algo no senso comum, novas representações sociais.

Face ao exposto, nosso objetivo, neste texto, é desmistificar a unidade de uma imagem preconceituosa do Semiárido, problematizando as concepções desse território a partir das fotografias do grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’, que realiza expedições mensais para produzir ensaios sobre o estilo de vida, as tradições, o contexto histórico e cultural do Nordeste e do Semiárido brasileiro. Para tanto, selecionamos quatro fotografias mais representativas, que evidenciam diferentes ambientes, mas todos inseridos no Semiárido, que foram produzidas durante algumas Jornadas, para verificar como a região é retratada nessas imagens. Utilizaremos a análise da imagem, que, segundo Joly (1996, p.48), “(...) pode ser a busca ou a verificação das causas do bom ou do mau funcionamento de uma mensagem visual”, que é composta por vários signos. Uma imagem sempre constitui uma mensagem para alguém, mesmo que esse alguém sejamos nós mesmos, por isso, ainda de acordo com Joly (1996, p.55), faz-se necessário, “(...) para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual, buscar para quem ela foi produzida”. Mas, antes disso, vamos

nos deter ao estudo da relevância da fotografia como um discurso, uma forma de representação.

## **2. Fotografia como arte**

O estudo da fotografia enquanto instrumento de mediação entre o homem e suas ações é uma análise recente, datada da década de 1970. Para Barthes (1984), a fotografia cria uma forte ligação com o real, porém, relativizando o seu poder o fotógrafo escolhe tal objeto, tal instante, tal lugar, sem que haja uma razão para tal escolha. A fotografia está sempre presente em nossas vidas. Ela pode ser a prova de que algo aconteceu; serve para comprovar alguma experiência e/ou auxiliar na comprovação de alguma verdade como documento.

De acordo com Sontag (2004), no seu surgimento, apenas os inventores manuseavam as máquinas, pois essas eram muito grandes e complicadas. Porém, com a industrialização, a câmera se tornou um aparelho acessível; e a fotografia, um objeto de arte, com intuito de transmitir o fato e capturar momentos únicos da sociedade, que só se registram uma vez. E, Flusser (1985) reconhece a importância da fotografia na sociedade e percebe que, cada vez mais, ela está conquistando espaços e se modificando em decorrência dos avanços tecnológicos. Tornou-se símbolo conotativo, o que permite diversas leituras sobre uma mesma imagem que precisa ser decifrada. Flusser (1985) acentua também que, com as novas tecnologias, é muito fácil manipular as imagens fotográficas.

A fotografia foi responsável pela expansão de uma cultura visual, possibilitando um novo olhar em volta de questões que nos são comuns, mas que a ‘olho nu’, não enxergávamos. Só quando utilizamos uma câmera, passamos a perceber e decodificar informações que sempre estiveram ao nosso lado na maioria das vezes. Para Sontag, (2004, p. 13) “(...) ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar”.

Para Gomes e Silva (2013), a imagem possui sentidos múltiplos, híbridos, interconectados e moventes. Sua leitura é de ordem transversal, porque seu conteúdo não se esgota em si mesmo, está sempre se renovando e ganhando novos significados e compreensões, pois não há exatidão na sua interpretação, leitura e sentido. Hoffman,

(2014, p. 73) “(...) concebe a fotografia como expressão estética e subjetiva do mundo visível, registro de aparências que deve ser interrogado...”.

Assim, apesar de não existir apenas uma interpretação para a imagem fotográfica, é necessário interpretá-la.

(...) se persistirmos em nos proibir de interpretar uma obra sob o pretexto de que não se tem certeza de que aquilo que compreendemos corresponde às intenções do autor, é melhor parar de ler ou contemplar qualquer imagem de imediato (JOLY, 1996, p. 44).

Mesmo que nós, observadores de uma imagem não saibamos realmente o intuito do autor ao criar uma obra, precisamos contemplá-la para identificar o que ela representa para nós, quais sentimentos, recordações nos remetem. Uma mesma imagem pode possuir diversos significados, e quem deve atribuí-los são os observantes, isso porque a imagem fotográfica pode colaborar com a produção de conhecimento, reconhecimento e pertencimento de uma determina região, desenvolvendo um pensamento crítico de quem a observa.

De acordo com Alves (2014, p. 6), “difícilmente e com muita resistência se reconhecia, ou se reconhece, o valor da fotografia como atividade criadora, capaz de descortinar novos horizontes, revelar novas visões de mundo”. Mostraremos então, através de algumas imagens produzidas pelo grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’, a potência da fotografia, que pode revelar e desmistificar a visão preconceituosa que se tem diante a região Semiárida.

### **3. Breve histórico do grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’**

O grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’ surgiu em setembro de 2010, a partir da ideia do paulista, fotógrafo e professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Campus Juazeiro- Bahia, Marcus Ramos, de convidar alguns amigos para fotografarem pontos interessantes da cidade. A primeira Jornada aconteceu na ‘Parada da Diversidade Sexual’, na cidade de Petrolina- Pernambuco, e reuniu cerca de cinco participantes. Atualmente, em seis anos de encontros, o grupo já realizou 67 saídas, e conta com uma média de 250 componentes.

O objetivo desse grupo é produzir ensaios sobre o estilo de vida, as tradições, eventos e os locais de interesse turístico, artístico, histórico e cultural do Nordeste e do

Semiárido brasileiro. Os encontros acontecem uma vez por mês e a participação é gratuita e aberta a todos os interessados. Para se inserir no grupo, não é preciso dominar a técnica fotográfica ou possuir equipamentos caros.

Cada jornada possui dois momentos: no primeiro, o grupo fotografa determinado evento ou local previamente selecionado pelo coordenador; depois, as imagens produzidas pelos participantes são apresentadas para todo o grupo, sendo objeto de análise e discussão técnica e artística. Após essa exibição, as melhores imagens são selecionadas e publicadas no site: <http://jornadasfotograficas.blogspot.com.br>, para que todas as pessoas interessadas em conhecer mais sobre a região do Semiárido brasileiro possam ter acesso às imagens produzidas, e percebam que essa região não é sinônimo de seca, como as grandes mídias insistem em veicular.

Considerando que a imagem fotográfica possui o poder de criar inúmeras possibilidades de sentidos e conexões e que retrata os discursos muitas vezes silenciados, podemos através desse meio desmistificar a atual imagem do Semiárido.

#### **4. Desmistificando a imagem preconceituosa do Semiárido**

A fotografia possibilita a criação de vários mundos que podem ser interpretados. De acordo com Joly (1996, p. 47), “(...) a análise da imagem pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais”.

Para nós, a função primordial da análise de imagens é pedagógica que permite demonstrar a imagem como uma linguagem heterogênea, que indica uma representação escolhida e orientada por quem a produziu. Dependendo do analista, pode-se identificar o que a presença ou ausência de certo elemento significam, aproveitando a garantia de sua liberdade intelectual, para tanto é necessário definir o objetivo que se tem com determinada análise, pois a finalidade a qual pretende chegar depende dessa deliberação.

A imagem transmite uma mensagem que é composta por vários signos, portanto, de acordo com Joly (1996, p. 55), “(...) pode ser considerada uma ferramenta de expressão e de comunicação”, que constitui uma mensagem para o outro, por isso uma forma que contribui bastante na compreensão de uma mensagem visual é identificar



para quem ela foi produzida. A linguagem visual, assim como a verbal, também pode representar as diversas funções da linguagem: expressiva; denotativa; cognitiva; referencial; poética; fática; conativa ou metalinguística (muito raramente), já que não pode falar de seus próprios códigos.

Ao analisar as fotografias que traremos para a discussão neste artigo, concluímos que essas imagens possuem função informativa (referencial), pois são instrumentos de conhecimento, servindo para enxergar o mundo e interpretá-lo. Nesse processo de análise, descontextualizando o que nos é ‘familiar’, ao se tratar da representação social do Semiárido, deslocaremos o sentido de um campo a outro, brincando com os saberes já estabelecidos. Entendendo a força e significância desse método, selecionamos quatro fotográficas disponíveis no site do grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’, e a partir dessas imagens vamos desmistificar a ideia que muitas pessoas têm, de um Semiárido “feio”, sem expectativa de vida, provando que essa região, apesar da escassez de chuvas, é cheia de possibilidades e riquezas.

A primeira fotografia selecionada, de Johnnis Alves, foi feita na 17ª Jornada Fotográfica, realizada na Orla de Juazeiro, Bahia. A partir do enquadramento da fotografia, mostrando parte da Orla de Petrolina- Pernambuco, cidade vizinha, podemos observar o Rio São Francisco, fonte de vida, renda e lazer da população moradora do Vale do São Francisco e cidades circunvizinhas. Também notamos a presença de uma vegetação verde, que assim como as águas do rio quebram o paradigma de que o Semiárido é apenas seca e falta d’água.

Em segundo plano, avistamos os grandes prédios, mostrando que, apesar de estar localizada no Semiárido, a cidade de Petrolina não está dissociada do crescimento urbano, onde a procura por imóveis nessa região é alta, fazendo com que os preços se elevem cada vez mais, mostrando dessa forma, que está inserida nas transformações das cidades. A presença do *Jet Ski*, em primeiro plano, também evidencia que no Semiárido, não existem apenas pobres e desfavorecidos, mas também pessoas com maior poder aquisitivo que escolhem essa região para morar e se divertir. O céu azul da fotografia parece bem mais limpo do que em muitas cidades metropolitanas e a luminosidade do sol irradia a alegria presente no cotidiano do povo sertanejo.





Johnnis Alves- 17ª Jornada Fotográfica, realizada na Orla de Juazeiro, Bahia.  
Imagem disponível em: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/017/>

A segunda fotografia, de Marcos Ribeiro, foi feita na 10ª Jornada, que aconteceu no Vapor do Vinho em Casa Nova- Bahia. Nessa imagem, podemos mais uma vez desconstruir a ideia de terra infértil, sem vida, que povoa o imaginário das pessoas sobre a região semiárida brasileira. O verde intenso do parreiral, os cachos das uvas sadios e saborosos refletem a fertilidade da terra, provando que, apesar da escassez de chuva presente em determinados meses do ano, existem possibilidades de se contornar essas dificuldades e produzir frutas em um solo considerado infértil.



Marcos Ribeiro- 10ª Jornada, que aconteceu no Vapor do Vinho em Casa Nova- Bahia.  
Imagem disponível em: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/010/>

A fotografia feita em uma vinícola situada na cidade de Casa Nova, que também faz parte da região do Vale do São Francisco, evidência que mesmo com índice pluviométrico com média anual entre 300 mm e 800 mm, distribuição irregular das chuvas, baixa umidade e intensa evaporação - características do Semiárido brasileiro, segundo Carvalho (2012). De acordo, com a Câmara de Fruticultura do Vale, a localidade consegue produzir e exportar cerca de 140 mil toneladas de uva e manga, por ano, além da produção e exportação de vinho. O cultivo da uva e de outras frutas nessa região torna-se possível devido à presença do Rio São Francisco, de onde muitas fazendas utilizam a água para a irrigação das plantações. Pode-se destacar também a geração de centenas de vagas de emprego, que movimentam ainda mais a economia local.

A terceira fotografia, de Marcus Ramos, coordenador do ‘Jornadas do Vale do São Francisco’ foi feita durante a 15ª Expedição, na Cachoeira dos Payayas, localizada no município de Saúde, na Bahia. No primeiro plano dessa fotografia, observamos uma água cristalina, onde é possível ver a terra e algumas pedrinhas no fundo. Em segundo plano, temos uma água com coloração mais escura, que evidencia a profundidade do local. E ao terceiro e último plano, avistamos um paredão de rochas que mesmo com a sua dureza não impedem que a vegetação predominantemente verde se desenvolva.

A partir dessa imagem, percebemos a diversidade ecológica existente na região semiárida, que possui riquezas naturais como a Cachoeira dos Payayás que com uma vegetação exuberante, e água límpida, encanta todos que a visitam. Apesar do difícil acesso, o local recebe várias visitas nos finais de semana, por pessoas que gostam de aventura e de relaxar perante as belezas naturais e o ar puro que está cachoeira oferece.



Marcus Ramos-15ª Expedição, na Cachoeira dos Payayas, localizada no município de Saúde, na Bahia.  
Imagem disponível em: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/015/>

A quarta e última fotografia a ser analisada foi feita por Cristiano Almeida, na 50ª Jornada Fotográfica, na cidade de Salgueiro, Pernambuco. A imagem mostra, em seu primeiro plano, a vegetação característica do Semiárido, constituída por vegetais xerófilos (que se adaptam a baixa umidade), como o mandacaru, que possui muitos espinhos como forma de proteção. De acordo com Carvalho (2012), a maioria dos vegetais típicos dessa região acumula água em seus caules durante o período chuvoso para poder sobreviver no período de estiagem, se adaptando as condições climáticas.



Cristiano Almeida- 50ª Jornada Fotográfica, na cidade de Salgueiro, Pernambuco.

Imagem disponível em: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/050/#view/ID158768>

No último plano, observamos a presença de uma torre de energia, comprovando que, apesar do Semiárido possuir vegetação e clima diferenciados, a tecnologia está inserida na localidade, evidenciando também que o Semiárido é como outra região qualquer, possui suas peculiaridades, mas está imersa nos avanços tecnológicos. Temos ainda a presença do pôr do sol, com tons de amarelo, que nos apresenta uma temperatura quente, bem característica dessa região.

#### 4. Considerações finais

A partir das imagens analisadas, podemos perceber que os participantes do grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’ conseguem, através da imagem fotográfica, mostrar um Semiárido que poucos conhecem, contrapondo as imagens de chão rachado, galhos secos, cactos repletos de espinhos e rios estéreis. Até mesmo,



quando elementos típicos do Semiárido, como o mandacaru, é retratado, os fotógrafos procuram uma perspectiva mais poética ou um enquadramento que sirva para desconstruir a ideia de seca, falta de água e atraso.

Apesar da maioria dos veículos midiáticos, dos livros didáticos e das obras de arte pintar um Semiárido singular, ele se apresenta na realidade, de forma plural, pois, como podemos observar nas fotografias, o Semiárido é formado por ambientes diversificados, onde a beleza da natureza se mistura ao avanço da cidade.

Não podemos afirmar que, ao fazerem as fotos apresentadas neste artigo, os participantes das Jornadas estavam pensando na problemática da representação social do Semiárido brasileiro, pois as imagens possuem significados conotativos, ou seja, apresentam várias possibilidades de interpretação. Segundo Joly (1996, p. 43), “As ‘intenções’ do autor, provém de um questionamento sobre a correção da interpretação: Será que ela corresponde as ‘intenções’ do autor, será que não as ‘deforma’? Não seria própria apenas do receptor?”. Não sabemos exatamente a ideia dos autores das fotos analisadas, no momento da produção imagética, porém elas precisam, necessitam ser decodificadas pelo receptor. Isso é possível, a partir do reconhecimento e análise dos elementos expostos nas imagens, e foi isso que fizemos ao analisar as fotografias aqui exibidas.

Nossa análise indicou que a realidade do Semiárido brasileiro parte da construção de elementos que foram escolhidos dentro de um universo, utilizando a característica essencial da fotografia, que é a polissemia, já que possui diversos significados moventes. Mas é importante lembrar que a fotografia, de acordo com Machado (LEITÃO; SANTOS *apud* MACHADO, 1984, p. 76) “(...) é sempre um retângulo que recorta o visível. O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significante, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada.”

Através desses recortes, característicos da fotografia, percebemos que o Semiárido é rico em variedade ecológica e cultural e que deve ser visto como ele realmente é, e não como alguns meios de comunicação difundem, mostrando apenas as fragilidades, descartando as possibilidades existentes. As imagens apresentadas, produzidas pelo grupo ‘Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco’, conseguem desmistificar essa ideia, de que Semiárido é sinônimo de miséria, através de imagens que retratam uma

nova imagem do Semiárido, fugindo dos estigmas que foram atribuídos a essa região há muitos anos, e que até hoje permeiam o imaginário da maioria dos brasileiros.

## 5. Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste". In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 15, nº 28, pp. 111-120; 1995.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Geraldo José de. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: **Diálogos com a teoria da representação social**/ Maria de Fátima Souza Santos, Leda Maria de Almeida-organizadoras. Ed Universitária da UFPE, 2005.

ALVES, Jefferson Fernandes. et. al. **Fotografia e Educação**: alguns olhares do saber e do fazer. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal-RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259-1.pdf>. Acesso em: 11 set. 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**: novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiaí: Paco Editora, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**- Para uma filosofia da técnica.

GOMES, Antenor Rita; SILVA, Núbia Oliveira. **Fotografia**: o transversal e a educação. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, Londrina-PR, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Antenor%20Rita%20Gomes.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

HOFFMANN, Maria Luisa. Fotografia, gatinho de memórias. In: **Fotografia**: usos, repercussões e reflexões. Londrina: Midiograf, 2014.

---

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

JOLLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

JORNADAS, fotográficas do Vale do São Francisco. Disponível em:  
<http://jornadasfotograficas.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2015.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões. In: **Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido (ComSertões)**.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch- São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-67.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: **Semiárido Piauiense**: educação e contexto. Campina Grande, 2010, p. 109-130.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.